

Vou iniciar com uma longa citação de Che Guevara sobre o conceito de trabalho, tema de nosso ensaio.

**Em sua obra “O Socialismo e o Homem em Cuba”, Che defendia que:**

**“A última e mais importante ambição revolucionaria é ver o homem liberto de sua alienação...É preciso acentuar sua participação consciente ,individual e coletiva,em todos os mecanismos de direção e produção e liga-lo à idéia da necessidade da educação técnica e ideológica ...isso se traduzirá concretamente na reapropriação de sua natureza através do trabalho liberado e da expressão de sua propria condição humana através da cultura e da arte.**

*Para que se desenvolva a primeira, o trabalho deve adquirir uma condição nova;a mercadoria homem deixa de existir e se instala um sistema que outorga uma cota pelo cumprimento do dever social.Os meios de produção pertencem a sociedade e a maquina é só a trincheira onde se cumpre esse dever..fazemos todo o possivel para dar ao trabalho essa nova categoria de dever social e uni-lo ao desenvolvimento da técnica”.*

*E nossa atitude deve ser totalmente diferente. O TRABALHO DEVE SER UMA NECESSIDADE MORAL NOSSA, o trabalho deve ser algo para o qual vamos toda as manhãs, cada tarde e cada noite, com entusiasmo renovado ,com interesse renovado.Temos que aprender a tirar do trabalho o que tem de interessante ou o que tem de criador,a conhecer o mais mínimo secreto da maquina ou do processo em que nos toca trabalhar”.*

Em ensaio recente para o produto da sistematização dos coletivos populares da RECID, em torno do eixo temático “construção do poder popular”, dizíamos que :

”Em algumas conjunturas históricas, a sistematização é uma forma de DES-OCULTAR experimentações que ocorrem nas profundezas de um pais”.

A sistematização desenvolvida nesse livro do CEFURIA ,tendo um dos eixos temáticos a Ecosol, socializa através da sua publicização, as experimentações inventivas da economia popular e solidaria, e, sobretudo,nos permite mais fundamentalmente perceber o potencial da praxis popular na construção dos germens de um futuro social emancipatorio com base no trabalho associado ou autogerido..

A sistematização realizada pelos educandos da ESCOLA, no que diz respeito à economia solidária, tem por eixo temático a “Historia Social do Trabalho”. E, neste campo, a grande questão é sobre o FUTURO do trabalho na perspectiva emancipatória, isto é, o trabalho em uma sociedade “Além do Capital”.

Este é o título da obra principal do filósofo húngaro, Istvan Mészáros, um dos raros pensadores socialistas contemporâneos a por na ordem do dia a questão da estratégia socialista, como forma antagônica ao Capital, e não apenas a sua forma histórica atual, o sistema capitalista. Em obras fundamentais, “O Poder da Ideologia” (1989) e, sobretudo, em “Para Além do Capital” (1996), Mészáros tratou do tema do socialismo na perspectiva de uma sociedade constituída por “produtores livremente associados”, ou seja, da autogestão socialista.

Em seu livro “Estrutura Social e Formas de Consciência” (2009), Mészáros trabalha com a ideia de “Sistema Comunal” e, desse modo, vem ao encontro dos teóricos que buscam analisar as experiências em curso em países como Bolívia, Venezuela, Equador, e também, em forma menos radical, países que têm a economia popular e solidária como uma práxis em processo, tanto no campo dos movimentos sociais quanto no plano institucional-governamental, como é o caso do Brasil.

Partindo das definições de Marx sobre a experiência da Comuna de Paris, Mészáros define a natureza da tarefa: “realizar a ‘emancipação econômica do trabalho’ mediante a ‘forma política’ finalmente descoberta”, para que o ‘trabalho livre e associado’ assuma a forma de ‘sociedades cooperativas unidas’, a fim de regulamentar a produção ‘nacional’ segundo um plano comum”.

Mészáros parte da ideia da ‘crise estrutural’ do capital como marca fundante desta nova época, que alguns chamam de ‘globalização’. E, por várias razões, nos mostra que a única alternativa à barbárie do capital é uma hegemonia radical socialista antagônica ao Capital. Em suas últimas obras, essa alternativa é definida como “ordem hegemônica alternativa do trabalho – o sistema orgânico comunal”. **Mészáros assinala a fonte dessa ideia: “a ideia de um modo comunal de produção e consumo – debatida em detalhe considerável pelo ‘Marx maduro’, sem suas obras de síntese mais importantes, incluído os Grundrisse e O Capital-(2009-p.262).**

**Mészáros se destaca por definir sempre o caminho para concretizar as estratégias, isto é, o Método.** E, no que diz respeito ao sistema comunal, como que advertindo os pragmatismos sem esperança e/ou os radicalismos apressados, nos diz que:

”Muitas das categorias da teoria socialista, vislumbrando uma solução positiva para os problemas aparentemente intratáveis da humanidade, **possuem um longo período histórico de gestação. Em alguns casos, têm sido advogadas há milhares de anos, incluindo a ideia de uma vida comunal**, mas impedidas de sequer chegar perto de sua realização possível” (p.268).

E, a Ecosol tem relação profunda com as categorias de “Possibilidade” e de Utopia Concreta, o “inédito viável” de Paulo Freire. Portanto, não se trata de ‘volta nostálgica a

épocas passadas”, ou de “romantização do passado”.Adiante veremos a idéia de Eduardo Galeano sobre essa questão.

Esta radical eliminação do capital pelos indivíduos auto-emancipados de sua presente dominação do metabolismo social É O EXATO CONTEUDO DO PROJETO SOCIALISTA .Em oposição ao modo como se exerce o domínio do capital sobre a sociedade, a concepção socialista vislumbra,nas palavras de Marx, “UM PLANO GERAL DE INDIVÍDUOS LIVREMENTE ASSOCIADOS’.É o que se quer dizer com a proposta de ‘TRANSFORMAÇÃO DO TRABALHO EM AUTO-ATIVIDADE’.

Portanto, a retomada em nova forma e conteúdo da “vida comunal” será o ‘trabalho como auto-atividade”.

A Ontologia Social de Marx está centrada na relação “Indivíduo e Comunidade” . a idéia de “Sociedade Comunal do futuro” é a 3ª forma de sociedade na perspectiva histórica de Marx. Vejamos:

Marx trata o desenvolvimento do processo de objetivação através 3 etapas históricas :

1= formações precapitalistas,

2= capitalismo,

3= sociedade comunal do futuro.

E, na linha da autogestão social, o 3º tipo é uma sociedade fundada em relações mútuas, em que os meios de produção pertencem aos “ produtores associados”.

Mas, Isso não deve se tomar como um regresso à propriedade comunal da sociedade precapitalista.

Nessa ” terceira etapa, a propriedade, no sentido de uma relação com as condições para a produção social, pertence a comunidade.

Mas, de onde vem essa idéia de Comunal ? Já foi mesmo nome da organização de base dos movimentos operários no século XIX.

Nesse sentido, é possível que o ‘partido comunista’ à época do seu “Manifesto”(1848) tomasse em sua organicidade a ‘forma comuna’.E, o próprio Marx,foi ‘presidente’ de uma Comuna.

Não é por acaso que na forma de organização da “Liga dos Comunistas” (1836-1847), vamos encontrar como núcleo básico a forma “comuna”,como que uma prefiguração

desta “ sociedade futura comunal”. Em seus “Estatutos”,o numro 1, a Liga tem por objetivo a supressão da escravidão dos homens pela difusão da teoria da Comunidade dos bens e, desde que possível, sua introdução na pratica” ( Bert Andreas.1972.p.38). No primeiro Congresso da Liga , realizado em Londres em 1847,um novo artigo foi acrescido submetendo “ toda decisão de Congresso com força de lei à ratificação das comunas”(ibid.p67),O artigo numero 2 dos estatutos da Liga diz que:”A Liga se divide em *Comunas* e em *Circulos*:a sua cabeça e como poder executivo está a Autoridade central.”(ibid.p.111)

Na “Seção II” define o ponto “A Comuna”:

Art. 6. Uma comuna se compõe no mínimo de três e no Maximo de doze membros.”

Art. 10;”As comunas não se conhecem entre elas e portam nomes distintos que elas escolhem”.

Nos “Estatutos”, um Circulo agrega no minimo duas e no Maximo dez comunas”.(ibid.p.113)

D.Riazanov ,em Introdução ao “Manifesto Comunista”, fala da única vez em que Marx escreveu sobre A Liga: “A Liga dos Comunistas foi criada em Paris em 1836, primitivamente com outro nome.A organização,ao passo que ela se ampliou passo a passo,era a seguinte: Um certo numero de mebros formavam uma Comuna; diferentes comunas constituíam na mesma cidade um circulo...( Le Manifeste Communiste.J.Molitor,Paris 1947.p.2).

Por sua vez, M.Rubel em “Crónica de Marx.datos sobre su vida y su obra”(1972), afirma que em 1847: “Junio; primeiro congresso da Liga dos comunistas em Londres, com a participação de Engels. Marx não pode assistir por falta de dinheiro.(...)

Agosto: Marx é eleito presidente da “comuna” de Bruxelas da Liga dos comunistas”(Ibid.p.28)

Todavia, o uso de Comuna como núcleo organizativo da Liga Comunista, é consequencia de toda uma historia social.

Então, de onde vem essa idéia de “Comuna” ? Vamos,então,mergulhar na Historia Social do Trabalho,e nas lutas sociais para emancipar o trabalho frente ao Capital e ao Estado.

Se na revolução Francesa de 1789,encontramos a idéia de ‘comuna’,através da idéia dos “comitês revolucionarios” dos descamisados (sans culottes), será na revolução de 1871 na França que a idéia será desenvolvida como forma de “auto-governo dos trabalhadores” , como disse Marx : “ O verdadeiro segredo da comuna estava em ser essencialmente um governo operário,fruto da luta da classe produtora contra a classe exploradora, a única forma política,ao fim descoberta, sob a qual poderia se levar a termino a emancipação econômica do trabalho”( Karl Marx.”La guerre civile em France 1871”.1975,éditions sociales.p.67).

Vamos encontrar nas lutas dos povos pelo mundo, a idéia da ‘comuna’ , como forma de propriedade comunal e mesmo de governo como relação de poder.È nessa base que surge o que o conselhist holandês,teórico dos conselhos operários, Anton Pannekoek chamou de “sentimento comunitário” (lês conseils ouvriers,t.I-p.148, ss).

Para Pannekoek, em periodos de crise, o ‘sentimento comunitario’ supera o ‘sentimento de conservação’,dominante profundo no ser humano. Nesses momentos, “A primeira metamorfose, a mais importante se expressa no desenvolvimento do sentimento comunitário.Suas primeiras manifestações apareceram no capitalismo, como conseqüência do trabalho comum e da luta comum.Ele se reforça pela tomada de consciência, originada na experiência, de que o operário isolado é sem poder contra o capital(...)”(idem)

Mas, Pannekoeek aprofunda essa idéia ;” Não é todavia um fato novo. Nos tempos primitivos, o sentimento comunitário predominava nas tribos,das formas simples, comunistas, do trabalho.O homem estava completamente ligado à tribo; separado dela,ele não era nada”(idem)

Pannekoek segue seu raciocinio:“quando, em seguida, os homens se separam e se transformaram em pequenos produtores independentes, o sentimento comunitário se evadiu e cedeu lugar ao individualismo”.Esse novo caráter foi se afirmando cada vez mais com o capitalismo.Mas,seguramente,isso não impede que o homem seja, no capitalismo, um ser social.A sociedade comanda e, nos momentos críticos – por

exemplo, revoluções e guerras – o sentimento comunitário se impõe, temporariamente, como um dever moral excepcional”(idem)

Para Pannekoek, “o sentimento comunitário é, sempre, a força principal, necessária para o progresso da revolução”. Trata-se da ‘fusão do individualismo e do sentimento comunitário em uma unidade superior. É a subordinação consciente de todas as forças do indivíduo ao serviço da comunidade”(idem).

Enfim, “O forte sentimento comunitário que nas das lutas pelo poder e pela liberdade é simultaneamente a base da nova sociedade”(idem)

Estas idéias do filósofo holandês dos conselhos, tem um caráter ontológico, filosófico e, articula-se com uma visão política e econômica. Articula economia e filosofia, trabalho e luta de classes. E, aqui, esta o ‘filo rosso’ para um profundo mergulho nos ciclos das lutas autogestionárias dos trabalhadores, dos ‘que vivem do trabalho’, em todos os continentes.

Todavia, mais uma vez, a idéia de Vida comunal tem um lastro histórico muito mais longo. Mas, vamos a outra idéia sobre a vida comunal na História. O célebre anarquista russo Pedro Kropotkin, ( “El Apoyo Mutuo”, 1922, Moscou) , antecipando a obra do antropólogo Pierre Clastres, afirma que a **comuna aldeia** é uma instituição universal e célula de toda sociedade futura, que existiu em todos os povos e sobreviveu até os dias atuais. Sua tese de que o homem pré-histórico vivia em sociedade toma por base diversos estudos sobre tribos primitivas fora da Europa, em que o altruísmo e o espírito comunitário existiam entre seus membros do clan e da tribo.

Na **comuna aldeia**, “os povos garantiam os frutos da terra e também a defesa da vida e o apoio solidário em todas as necessidades da vida. Apresenta mesmo uma ‘lei sociológica’ em que ‘quanto mais íntegra se conserva a **posse comunal**, mais nobres e suaves são os costumes dos povos”. (1989-p.15)

As aldeias fortificadas, com o tempo, se transformaram na Idade Média em cidades análogas às da antiga Grécia. Seus habitantes se rebelaram contra o poder feudal, de tal modo que, a cidade livre medieval, surgida da comuna Bárbara chegou a ser a expressão mais perfeita de uma sociedade humana com base no livre acordo e no apoio mútuo. Para Kropotkin, se a cidade livre medieval era uma tela constituída por grêmios e guildas, por sua vez, o mundo livre da Idade Média é uma tela ampla formada por

idades livremente federadas e unidas por pactos de solidariedade. Esse mundo medieval libertário tem sua origem na luta contra o feudalismo e, sua decadência e absorção pelo novo Estado absolutista da época moderna (ibid-p.15).

Os grêmios organizavam o trabalho com base na cooperação e para satisfazer as necessidades materiais, sem buscar o lucro. As cidades livres do poder feudal, eram reguladas na maioria dos casos por uma **assembléia popular**. A essa sociedade de trabalhadores livres e solidários, segundo Kropotkin, se associava necessariamente a arte grandiosa das **catedrais**, obra comunitária para o desfrute da comunidade. (idem-p.16)

Na concepção histórica do anarquista russo, ‘a ressurreição do direito romano e a tendência a formar Estados centralizados e unitários regidos por monarcas absolutos, caracterizou o começo da época moderna. Esse processo pos fim não só ao feudalismo mas também as cidades livres’ (idem)

P. Clastres, em sua monumental “Society Against the State” (1980), afirma

que as chamadas ‘sociedades primitivas’ se caracterizavam por serem “sociedades sem estado, são sociedades em que o corpo não possui órgãos separados do Estado, isto é, o poder não é separado do Estado”. E que o ‘poder é sob controle da sociedade, ter o poder é exercê-lo. É o próprio corpo social que detém o poder e o exerce como unidade indivisível’ (1980-p.104 e 108).

Enfim, são muitos os pensadores do campo socialista que analisaram o sistema comunal: além de Marx, Rosa Luxemburgo, Paul Lafargue, Mariategui, G. Landauer, entre tantos, dedicaram obras ao tema da “Vida Comunal”. Por exemplo, Rosa conclui sua longa pesquisa sobre a vida comunal, falando dos Incas no Peru:

“Acha-se mesmo no distante país sul-americano, nos Índios, os traços vivos de uma comunismo mais potente ainda que na Europa: enormes casas coletivas em que as famílias inteiras viviam em comum, com tumbas comuns. fala-se de uma dessas habitações coletivas em que viviam mais de 4.000 homens e mulheres. A residência principal dos imperadores Inca, a cidade de Cuzco, composta e particular por várias dessas habitações coletivas que trazia cada uma o nome da família” (p.83)

Deste modo, a documentação surgida na metade do século XIX, pesquisada por Rosa, põe por terra a idéia do caráter eterno da propriedade privada. E, assim, Rosa extrai uma conclusão fundamental:

“Chega-se por força à conclusão que esse **comunismo de vilas não foi uma ‘particularidade étnica’ de uma raça ou de um continente, mas foi a forma geral da sociedade humana em certa etapa do desenvolvimento da civilização**”. (p.83).

**E, é possível consultar como Meszáros define os elementos do “ sistema comunal vislumbrado por Marx” (2009-p.198).**

As Estratégias de contra-Hegemonia

Vamos trazer a questão para nossas lutas atuais. **Emirr Sader (2009)** ao analisar os processos em curso em Nuestra America, afirma que “A construção pós-neoliberal supõe, portanto, uma disputa prolongada de hegemonia entre o novo bloco social e político e as velhas estruturas de poder vigentes” (p.150), Sader sinaliza alguns pontos estratégicos:

Quanto mais contundentes forem os elementos de desmercantilização, de socialização nos processos de nacionalização, de construção de formas de poder popular, de construção de consensos de socialização, de peso do mundo do trabalho, de capacidade de luta contra a alienação, maiores serão as possibilidades de transito do pós-neoliberalismo na direção do anticapitalismo e do socialismo (p.155).

Conclusão similar vamos encontrar em outros estrategistas das lutas revolucionárias da América Latina. Um deles é Orlando Fals Borda (2008), que, no ensaio intitulado “Globalização e Segunda República”, diz em relação ao sistema comunal:

“Se esta opção se desenvolve, parece inevitável que leve às alterações fundamentais em matérias, tais como a concepção de autoridade legítima e da política, a co-responsabilidade de governados e governantes, o acompanhamento **sócio-econômico comunal e a economia solidária**. Abriria as comportas para outra grande revolução, invocadora das passadas, ainda que talvez, sem os serviços da parteira da violência armada tradicional.”

Essa perspectiva, que podemos chamar de, “ autogestionaria-romântico-utopico-revolucionaria”, é proclamada pelo poeta Eduardo Galeano:

“É em virtude da esperança e não da nostalgia que nós devemos recuperar um modo de produção comunitário e um modo de vida fundado não sobre o lucro mas sobre a solidariedade, sobre as velhas liberdades e sobre a identificação entre o ser humano e a natureza”.

Para Galeano, a inspiração nestas culturas ancestrais, “Contra a lei capitalista do lucro, elas propõem a via partilhada, de reciprocidade, de ajuda mutua que antes inspirou a utopia de Thomas Morus e que nos ajuda hoje à descobrir a visagem americana do socialismo, em que as raízes as mais profundas apelam à tradição da comunidade”.(2004).



Um ator envolvido na construção de contra-hegemonia ,o vice-presidente da Bolívia, Alvaro G. Linera,explicita essa utopia concreta engravidada em possibilidades abertas em seu país,uma inspiração romântica dialética entre passado e futuro:

“O que estamos fazendo na Bolívia de modo difícil, as vezes com atraso,mas inelutavelmente como horizonte de nossa ação política, é encontrar uma via democrática à construção de um socialismo de raízes indígenas, que chamamos de **socialismo comunitário**.Este socialismo comunitário que recolhe os âmbitos da modernidade na ciência e tecnologia,porém que recolhe os âmbitos da tradição em **associatividade**, em gestão do comum, é um horizonte”.(abril 2010).

Estas idéias em curso na America Latina e Central, sem duvidas têm sua origem na obra de Mariategui.

Diz Mariategui: “[...] considero fundamentalmente esse fator incontestável e concreto que dá um caráter peculiar a nosso problema agrário: **a sobrevivência da comunidade e de elementos de socialismo prático na agricultura e na vida indígenas**” .(*apud* MAZZEO, 2009, p.52)

Segundo Mazzeo , autor que vem analisando a obra do Amauta a partir das experiências recentes nos Andes, em sua obra “Vigência de Mariategui “,

Para Mariategui, estes elementos surgiram no Peru em tempos pré-incaicos e se desenvolveram, junto com uma economia que se desenvolvia **espontânea e livremente**, até a Conquista espanhola. O que significa que estes elementos não foram eliminados ou afetados pelos Incas, que estes não alteraram esse estado natural; pelo contrário, segundo Mariategui, o **potenciaram**: “O trabalho coletivo, o esforço comum, foram empregados frutuosamente com fins sociais”. Deste modo, estes elementos garantiram a subsistência e o crescimento da população. No marco do Império Inca, as comunidades foram as células de um Estado “dinâmico”.(2009,p.52)

Todavia, ressalta Mazzeo, “essa postura, que põe Mariategui na linha dos que sustentam a tese do “Comunismo Incaico”, não o conduziu a uma idealização ingênua do incaico e a formulação de restaurações utópicas. Pelo contrário, o Amauta dizia:

Não creio em obra taumatúrgica dos Incas. Julgo evidente sua capacidade política; porém, não menos evidente que sua obra consistiu em criar o império com os materiais humanos e os elementos morais herdados por séculos. O ayllu – a comunidade – foi a célula do Império. Os Incas fizeram a unidade, inventaram o Império, mas não criaram a célula. O Estado jurídico organizado pelos Incas reproduziu, sem dúvida, o Estado natural preexistente. Os Incas não violentaram nada(*apud* MAZZEO, 2009, p.53).

Portanto , Miguel Mazzeo, na pista traçada por Mariategui, recusa todo tipo de ‘nostalgia’: “A tradição para permanecer viva e atuante não deve ser “continuada” nem “recomposta” mas “redescoberta, isto é, refundada conscientemente”(2009, p.52).

## O Sistema Comunal

Aprofundemos ,então, esta ideia de Sistema Comunal.

Nos Andes, Raul Zibechi afirma que “Existe, sim, um **sistema comunal** que se expressa em formas econômicas e políticas: a propriedade coletiva dos recursos e o manejo ou usufruto privado dos mesmos. A deliberação coletiva e a rotatividade da representação (...) e o representante não é designado para mandar, senão para “simplesmente organizar o curso da decisão comum.(2006,p.38)

Segundo F. Patzi: “As características do sistema comunal são universalizáveis” . São as mesmas características e princípios da experiência da Comuna de Paris. Assim,

A economia do sistema comunal exclui a exploração ou apropriação do trabalho alheio, já que os bens coletivos são usufruídos em forma privada/familiar. Da mesma forma, não existe o trabalho alienado, já que a família e seus membros controlam os modos e ritmos de produção, não estão sujeitos a outro controle que não seja o da comunidade. (ibid-p. 38)

Na esfera do poder político, a figura do representante comunal é oposta a que conhecemos na política tradicional(...). Nas comunidades, a representação não é voluntária, mas obrigatória e rotativa. À diferença da lógica neoliberal, na comunitária não se elege o mais capaz ou o mais instruído ou inteligente, mas apenas simplesmente ao que lhe toca o turno(...). Como a representação não é opção, mas um dever que se presta à comunidade, que todos a seu turno devem prestar se querem seguir usufruindo dos bens comunais (terra, água, pastos).(ZIBECHI, 2006, p.39)

E,sobre o Trabalho , em sua obra sobre a Vida Comunal, o genro de Marx , P.Lafargue diz que:

“Os conquistadores desembarcaram em um país em que não conhecia a miséria,em que armazéns abundavam de milho e outros grãos(...) Havia alguns destes armazens com alimentação para 10 anos”(p.337)

“O trabalho em comum tinha atração de uma grande alegria social: numa hora do dia, do alto de uma torre ou de uma eminência convocava-se toda a população; os homens com as mulheres e as crianças iam com roupas de festas e com seus ornamentos mais belos.A massa se punha a trabalhar, cantando em coro os hinos que celebravam os altos feitos dos Incas; toda a tarefa era executada com esse espírito alegre, que sempre presidiu o trabalho em comum nas sociedades comunistas dos selvagens e dos bárbaros” (ibid.p.347)

Em todo o mundo, no período de hegemonia neo-liberal ,o par dialético marcado pelo antagonismo,“Capital x Trabalho”,assume , nova configuração, afetando profundamente seus “personagens” históricos.Garcia Linera a partir da experiência boliviana, define estas mutações:

A estrutura material do trabalho e do capital se reconfiguram ante nossos olhos e, com isso, a própria estrutura material da constituição do trabalho, do trabalho assalariado e da classe operária. Isto que temos chamado de formação histórico-material da proletarização social (...). Entender as renovadas maneiras de constituição das classes sociais na sociedade contemporânea (...). Nos anos 1990, produziu-se uma reconfiguração total da condição operária que desorganizou tudo o que existia antes e deixou micronúcleos dispersos e fragmentados de identidade e de capacidade auto-organizativa. No mundo camponês indígena vimos a enorme vitalidade em termos de transformação política, de conquistas de igualdade, porém a enorme limitação e a ausência de possibilidades de formas comunitárias de gestão e produção da riqueza (LINERA, 2008, p.20).

Pensando a construção de uma Contra-Hegemonia Enfim, Linera (2008) conclui sua ideia numa perspectiva marxista e autogestionária:

A construção da classe operária pelos próprios operários é a **produção de um sujeito autônomo**, de um sujeito que se define a si mesmo como coletividade, que elege, que opta sobre a formação de seu horizonte histórico. Nestas condições, a liberdade operária é o processo de sua libertação de ser-operário-do-capital e que, portanto, deixa de ser operário para afirmar-se como **trabalhador livremente associado** (p.117)

quando a comunidade entra em rebelião, ela é capaz de derrogar de fato a fragmentação a que estava até então condenada a languidecer e reabilita os **parâmetros comunais da vida cotidiana como ponto de partida de uma nova ordem social autônoma** (...) isso significa que é nestes momentos que o **mundo comunal-indígena** se deseja a si mesmo como origem e finalidade de todo o poder, de toda identidade e todo futuro que lhe compete (p. 206).

No mesmo espírito mariateguiano, Linera (2008) segue seu raciocínio: "Com a rebelião, assim como a forma comunal de produzir, deixa de ser catalogada como uma relíquia de épocas remotas e se relança como embasamento racional de uma **forma superior de produzir autonomamente a vida em comum**, a política da comunidade deixa de ser aditivo "étnico" com o qual se doura localmente o predomínio da democracia liberal, e se mostra como **possibilidade de superação de todo regime de Estado** (p.206).

Além disso, assinalando o "Espírito Comunal da Autogestão" nestas lutas, Linera afirma que frente a essas lutas e rebeliões,

Estamos diante de uma nova forma de sensação e produção do poder social, em que a gente aparece como consciente sujeito criador de seu destino, por muito trágico que este possa ser; ao passo que o velho poder alienado como Estado retorna em sua fonte de onde se autonomizou: as pessoas simples de carne e osso, os criadores do mundo e da riqueza que se reassemem como os verdadeiramente poderosos. A desalienação do poder político e econômico, moral e espiritual, é por isso a grande lição legada pelas contemporâneas revoltas indígenas continentais destes últimos anos (p.208).

Como vimos em varias analises anteriores nesse trabalho, nesse ponto atua o que chamamos de ‘principio da autogestão comunal’.

Diz Linera : “ É aqui,na produção, que a fortaleza comunitária já tem uma capacidade herdada ( controle comunitário da água, acesso à terra, pastos comunais, rotação de cultivos, formas de circulação da força de trabalho) que pode ser o ponto de partida de uma intensificação interna no próprio processo de produção local ( familiar-comunal) e na articulação produtiva com outras comunidades” (ps.36-37)

Enfim, aqui também se constrói , na proposta de Linera,o caráter ‘pos-capitalista’: “ É na criação de um novo modo de produção material crescentemente socializado, expansivamente comunitarizado que se decide o destino pos-capitalista da sociedade e do mundo e é aqui em que se poderá começar a concentrar-se as potencias, as energias autônomas comunitárias dos sindicatos e dos ayllus”.(p.37).

Assim, concluímos que obra de A.G.Linera ,é uma das mais instigantes ,pois, é uma ‘analise concreta do concreto”, teorização da experiência de mudança radical em curso na Bolívia. Pensamos que, ali onde A.G. Linera refere-se ao *Princípio de Comunidade*, podemos compreendê-lo como “Princípio da Autogestão comunal” .

A partir destas varias considerações sobre o “Modo de Produção Comunal”,podemos afirmar que a Ecosol porta elementos de autogestão comunal nas experiências de assentamentos do MST,nas fabricas recuperadas,nas cooperativas populares, nas varias cadeias produtivas, nas gestões coletivas e populares nos bairros e cidades ,tipo Banco Palmas, nos Clubes de Trocas Solidarias.

Trata-se,então,que estas experiências espriadas por todo Brasil,ainda fragmentadas, dispersas,desenvolvam formas de luta e organização ,articuladas a outros atores sociais do campo e cidade, que permitam superar a exploração e a dominação exercida pelo que Meszaros chama de “metabolismo social orgânico do Capital”.

Finalizemos com uma longa citação de Meszáros:

“A única maneira de cumprir de forma bem-sucedida essa tarefa histórica é por meio da instituição e consolidação do verdadeiro **sistema comunal** de produção e consumo, em sua inseparabilidade dialética e recíproca, como sempre fora defendido por Marx”(ibid-p 2010.

Enfim, para Meszáros, “Pois o desafio histórico consiste em ir **para além do capital**, no sentido pleno do termo, englobando todas as dimensões do complexo processo emancipatório, incluídas suas dimensões ontológicas sociais que remontam ao passado muito distante como indicado anteriormente”. E,assinalando dois desafios: “Primeiro, para ser capaz de projetar a forma generalizada de produção de emrcadorias sobre o pssado mais remoto.E segundo, para traçar uma linha direta de conexão entre as formas arcaicas pré-capitalistas e as presentes”.(2009-p.223)

Bibliografia:

\_\_\_Meszáros, Istvan-. **Para Além do Capital**. Rumo a uma teoria da transição. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

\_\_\_\_\_. **O Poder da Ideologia**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

\_\_\_\_\_. **O Desafio Histórico e o Fardo do Tempo Histórico**. São Paulo: Boitempo, 2007.

\_\_\_\_\_. **A Crise Estrutural do Capital**. São Paulo: Boitempo editorial, 2009.

-----Estrutura Social e Formas de Consciencia.A determinação social do método.Boitempo editorial.2009

----- Estrutura Social e Formas de Consciencia II.A dialética da estrutura e da Historia.editorial Boitempo.2011

-----Atualidade Historica da Ofensiva Socialista. Boitempo editorial.2010

----- A Teoria da Alienação em Marx.Boitempo editorial.2006

----- A Educação para Além do capital. Boitempo editorial.2005

.Linera, A.Garcia. **La Potencia Plebeya**. Buenos Aires: Clacso; Prometeo Libros, 2008.

\_\_\_\_\_. **Forma valor y forma comunidad**. La Paz: Clacso; Muela del diablo editores; Comuna, 2009.

\_\_\_\_\_. **A Potência Plebéia**. Buenos Aires; São Paulo: Clacso; Boitempo Editorial, 2010.

Mazzeo, Miguel- “Invitación Al Descubrimiento.J.C.Mariategui y el socialismo de Nuestra America”.Editorial El Colectivo.Argentina.2009

Mazzeo, Miguel . Los elementos de socialismo practico. In: CUESTA, Micaela et al. **Vigencia de Mariategui** - Ensayos sobre su pensamiento. Buenos Aires: Dialektik, 2009. [textos para la militância popular]

.Mariategui,J.C.- “7 & ensaios de interpretação da realidade peruana”Editora Alfa-Omega.São Paulo.2004.

Bert, Andreas. La Liga de los Comunistas. Madrid.Ediciones de Cultura popular.1977

Pannekoek , Anton. **Los consejos obreros**. Buenos Aires: Editorial Proyeccion, 1976.

- \_\_\_\_\_. **Les Conseils Ouvriers**. Paris: Spartacus, 1982. [02 volumes]
- Clastres, Pierre- “Society against the State”.Zone Books.New York,1989
- Riazanov, D. – introduction historique de “Le Manifeste communiste”.A.Costes.Paris.1947
- Kropotkin – “El Apoyo Mutuo”.E.madre Tierra.Espanha.1989
- Rubel, M. – “Crónica de Marx”.Anagrama.Barcelona.1973
- Lafargue, Paul- “La propriété,origine et évolution”.éditions Du Sandre.França.2007
- Sader,Emir- “A Nova Toupeira”.editorial Boitempo.2009
- Zibechi, Raul – “Dispersar el Poder”.Tinta Limon ediciones.Buenos Aires.2006
- Patzi, Felix. “Sistema Comunal. Uma proposta alternativa AL sistema liberal”.editorial CEA.Bolivia. 2005
- Luxembourg, Rosa – “Introduction à l’économie politique”.éditions anthropos.paris.1971
- Marx, Karl- “grundrisse”.Boitempo editorial. 2011
- .Araujo Freire, Ana Maria (Org.). **Pedagogia dos Sonhos Possíveis**. São Paulo: Unesp, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Paulo Freire, a Utopia e o Saber**. 2005. [Coleção Memória da Pedagogia]
- Nascimento, Claudio.” Che Guevara, trabalho, autogestão e socialismo”. Em, [www.iiop.org.br](http://www.iiop.org.br).- 2011
- Che Guevara. **Apuntes críticos a la Economía Política**. Ocean Sur, 2006.
- \_\_\_\_\_. **El Gran Debate sobre la Economía en Cuba**. Ocean Sur, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Le socialisme et l’homme à Cuba**. Paris: François Maspero, 1966.
- Borda, O. Fals- “Globalização e Segunda republica”.Cadernos de Pensamento critico latino-americano.expressão popular/Clacso.2008
- .”Pé dentro , pé fora na Ciranda do poder popular”- sistematização da RECID.Brasilia.2012.